

Jornal Germinal

Tambores do Vento que Vem

Em processo de construção de um novo coletivo estudantil,
classista e socialista!



Editorial JORNAL GERMINAL, EDIÇÃO 3, DEZEMBRO DE 2013

Esse ano algumas palavras voltaram às bocas silenciosas ou desesperançadas das ruas. Entre elas, radicalidade, movimento, organização coletiva, “milhões”, necessidade da unidade da esquerda! Mas também, junto com essas, seus pares dialéticos: conservadorismo, individualismo, sentimento anti-organização, esmagamento e criminalização dos que lutam...

O despreparo com que lidamos com todo tipo de boca e voz pode ser explicado por dez anos de Partido dos Trabalhadores no governo federal, “o capitalismo em nosso país indo muito bem, obrigado!”, e as formas de luta voltadas a repetir a institucionalidade ou a ficarem paradas em um canto de sala, falando baixo, esperando que apareça uma classe trabalhadora como uma motocicleta veloz, com a qual a única tarefa seria montar em cima e voar para além do horizonte. Seguramente, um sonho bonito. E apenas um sonho, idealista e toco.

Ano que vem, nosso despreparo não poderá ser justificado do mesmo jeito, porque tivemos a chance, este ano, de nos agarrar à autocrítica. O que faremos dela? Fotos e posts para o facebook? Artigos acadêmicos? Deboches arrogantes? Ou tentaremos, de fato, fazer da autocrítica uma oportunidade, mesmo que pequena e inicial, para dar respostas diferentes ao que virá? **Porque não será pouco que, contra nós, virá. Nem podemos deixar que nós sejamos, não de novo, dispersos e quase inofensivos.**

A palavra de ordem é unidade pra lutar! Destacamos, nesta edição do Jornal Germinal, dois eixos. **Um primeiro para afirmar, sem concessões e com as ruas, que não vai ter Copa!** Buscando explorar nessa palavra de ordem a força que tem a radicalidade dos que estaremos nas ruas e seremos novamente atacados, mas não sem arrancar vitórias para a reorganização da esquerda em nosso país. **Falamos em reorganização porque sabemos que somos a maioria, embora uma maioria hoje dispersa. E porque temos convicção de que devemos fazer, da luta, experiência que soma para estarmos ao mesmo lado da trincheira contra um inimigo comum!**

Em um segundo eixo, destacamos alguns aspectos da especificidade das lutas da educação, onde temos atuado. Para tanto, abordamos alguns textos sobre formação profissional, empresas juniores, bem como realizamos duas entrevistas, com uma professora e uma estudante, militantes do movimento da educação, relativas a pautas sobre as quais não há tempo a perder: **a luta contra a privatização dos hospitais universitários (contra a “EBSERH”) e a construção do Encontro Nacional da Educação em 2014,** que começou já este ano, com a organização do Encontro Regional em Sergipe!

Não se cale, não se conforme, não se iluda: só a luta, organizada e coletiva, muda a vida!

Boa leitura!

NÃO VAI TER COPA!

Como fruto da luta! Pra experiência de organização! Pra que a coletividade seja caminho!

Não fiques imóvel/ na beira do caminho/ não congeles o júbilo/ não queiras com apatia/ não te salves agora/ nem nunca/ não te salves/ não te enchas de calma/ não reserves do mundo/ só um recanto tranquilo/ não deixes cair as pálpebras/ pesadas como julgamentos/ não fiques sem lábios/ não durmas sem sono/ não te penses sem sangue/ não te julgues sem tempo

porém se/ apesar de tudo/ não podes evitar/ e congelas o júbilo/ e queres com apatia/ e te salvas agora/ e te enches de calma/ e reservas do mundo/ só um recanto tranquilo/ e deixas cair as pálpebras/ pesadas como julgamentos/ e te secas sem lábios / e adormeces sem sono/ e te penses sem sangue/ e te julgas sem tempo/ e ficas imóvel/ na beira do caminho/ e te salvas/ então/ não fiques comigo (Benedetti)

Há vinte anos não saíamos às ruas como em 2013. Enferrujados, pessimistas, fragmentados, entre isolados, pelegos e reacionários, todos nos surpreendemos com o quanto nos faltava organização coletiva, esperança e convicção no que podemos construir, no radicalmente novo. **Poucos meses passados, entretanto, alguns rapidamente voltaram pra casa ou pro conservadorismo das respostas velhas**, como eleições e conformismo. Mas as contradições em nosso país não diminuíram, nem nós podemos nos acomodar!

Ano que vem seguiremos sem saúde, moradia, educação, transporte, trabalho digno. Mas, mais do que isso, seremos sacudidos por mais remoções, criminalização dos movimentos sociais, destinação de verbas dos trabalhadores para aqueles que os exploram, em graus cada vez maiores. A pergunta não é sobre a Copa ser boa ou ruim. **Já sabemos o quanto ela não foi feita para nós. A pergunta é se nos preparamos ou não para isso.**



Para nos prepararmos, é preciso ter clareza de **por que razões** ela não foi feita para nós. **É necessário identificar os donos desses jogos, que não vão deixar de ditar as regras da economia e da política após a Copa.** Juntam esforços governos, FIFA, setores do capital local e estrangeiro, que com variados modos de articulação puderam preparar e requintar um reforço jurídico e ideológico para a plena lucratividade e atendimento de seus interesses. Como nos articulamos em relação a esses interesses e seus agentes?

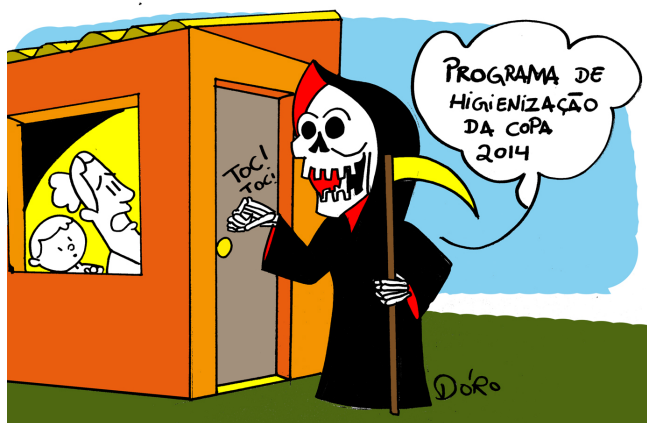
Alguns “pequenos problemas” da Lei Geral da Copa

- A) Retirada de direitos como a meia-entrada e outros dos consumidores (Artigo 26);
- B) Restrições ao trabalho informal, comércio de rua e popular durante os jogos (Artigo 11);
- C) Limitação à transmissão dos jogos por rádio, televisão e internet (Artigo 16, inciso IV);
- D) Responsabilização da União Federal (ao invés de à Fifa) por quaisquer “danos e prejuízos” causados ao evento privado (artigo 22, 23 e 24);
- E) Criação de novos tipos penais, limitando liberdade de manifestação e mesmo de criatividade (Artigos 31 a 34);
- F) Violação do Estatuto do Torcedor em favor do monopólio da Fifa (Art. 67);
- G) Privatização de símbolos oficiais e do patrimônio cultural brasileiro pela Fifa através de procedimento especial junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI , dando margem a abusos nas reservas de patente (Artigo 4º a 7º);
- H) Infração direta ao Código de Defesa do Consumidor, isentando a Fifa de responsabilidade civil (art. 27, I), permitindo venda casada (art. 27, II) e cláusula penal (art. 27, III), além de restrição à liberdade de escolha do consumidor (art. 11).

Nos prepararmos, enfim, exige que abandonemos de vez as burocracias falidas como UNE, UBES e CUT e apostemos na unidade dos que lutam! Mesmo que pareçamos poucos, não é tempo de contar com quem há décadas constrói a cooptação, o aparelhamento e o apassivamento das lutas! É destes a culpa por parecermos poucos! É contra estes que, dia após dia, apostamos na inquietação de explorados e oprimidos, para que possamos, contra os que hoje se consideram “maioria”, mostrar a força de quem efetivamente aposta na luta organizada e coletiva!

Precisamos afirmar com convicção, com a radicalidade ensinada pelas ruas: no que depender de nós, **não vai ter Copa!**

Não queremos que nossas cidades sejam tomadas por uma paz e uma higienização “para inglês ver”! Repudiamos as remoções forçadas e a tentativa da Lei Geral da Copa de limitação de greves e manifestações coletivas, que coloca nossa liberdade de expressão abaixo do direito ao turismo de estrangeiros! Também repudiamos a proposta de regulamentação da cafetinagem do Dep. Jean Wyllys, bem como nos colocamos ao lado das travestis que tem sido constrangidas a deixar as ruas!



Guia didático de como ser preso na Copa:

- 1- Cometer um ato dito terrorista (como portar vinagre) nos meses próximos ao da Copa (8 a 30 anos);
- 2 - Dificultar o acesso de internet ou sistema de informática relacionado aos eventos da copa (detenção mais multa);
- 3- Estar ligado ao uso de drogas ou substancias proibidas pela FIFA a fim de prejudicar o desempenho de atletas. (2 a 6 anos mais multa);
- 4 -Fazer greve nos serviços relacionados a energia elétrica, combustíveis, assistência hospitalar, tratamento e abastecimento de água, trasporte coletivo, telecomunicações, hotelaria, serviços bancários, etc. Ou seja, qualquer trabalho que de algum modo esteja ligado às atividades da Copa.

Nos prepararmos, enfim, exige que **abandonemos de vez as burocracias falidas como UNE, UBES e CUT e apostemos na unidade dos que lutam!** Mesmo que pareçamos poucos, não é tempo de contar com quem há décadas constrói a cooptação, o aparelhamento e o apassivamento das lutas! É destes a culpa por parecermos poucos! É contra estes que, dia após dia, apostamos na inquietação de explorados e oprimidos, para que possamos, contra os que hoje se consideram “maioria”, mostrar a força de quem efetivamente aposta na luta organizada e coletiva!

Onde você vai estar durante a Copa?

Já nos impuseram o fim da história. Já disseram que éramos a geração “isso”, “aquilo” e qualquer outra coisa que não consciente e politizada. Chega a hora de provar nossa responsabilidade histórica! Mas como? Individualmente certamente não o faremos. Por outro lado, olhamos ao redor e, no geral, vemos cooptação, auto-proclamação, aposta em algumas práticas e instrumentos carcomidos.

A disputa por cargos ou locais de visibilidade, reflexos de um disputismo desmedido e de demarcações inconsequentes, pouco agregam à reorganização do movimento estudantil. A resposta mais fácil é usar essa conjuntura como desculpa para o imobilismo. Mas diante do chamado histórico de junho e do que virá ano que vem aceitaremos retornar aos desabafos de facebook, sozinhos e aliviados em nossas consciências?

Nesse sentido, a reorganização do movimento estudantil é uma necessidade. A construção de instrumentos concretos e unitários de luta não será feita por dentro da Oposição de Esquerda da UNE ou na ANEL, **mas nas (e pelas) bases estudantis (Centros e Diretórios Acadêmicos, Coletivos Locais, DCEs, Executivas e Federações de Curso, em contato direto com os/as estudantes).** Refutamos a existência de uma direção iluminada, que verticalmente, trata os/as estudantes como base amorfa e despolitizada. **Estudante tem voz, e precisa ser ouvido/a!**

Por isso, perguntamos: onde você vai estar no ano da Copa? **Para que a história não nos pegue novamente dispersos e temerosos, reorganizar-se é um caminho.** Mas caminhos fazemos andando. Como estudantes, chamamos ao mínimo: politizar nossos espaços de estudo! Construir coletividades com aqueles que nos são



Breve sistematização de debates e campanhas que vem sendo feitos em algumas federações e executivas

(Movimente-se, conheça sua entidade! Organize-se e reorganize!):

DENEM (Medicina): trabalho médico; determinação do processo saúde-doença; manifestações de junho; megaeventos e a falta de financiamento do SUS; Campanha GTT Opressões FENEX*.

FENED (Direito): Campanha contra a precarização do estágio; Campanha sobre Lei da Copa, Megaeventos e Estado de Exceção; Campanha GTT Opressões FENEX; Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais.

FENEA (Arquitetura): boicote ao ENADE; Reforma Urbana e Formação Profissional.

ENECOS (Comunicação Social): Democratização dos meios de comunicação; Qualidade de Formação do Comunicador; Combate às Opressões.

FEAB (Agronomia): Campanha Agronomia Livre: por uma Agronomia Livre de opressões; Campanha de Formação Profissional: pela curricularização da Extensão; Campanha Mundial pelo fim da violência contra a mulher; Campanha Permanente pela Vida: Agrotóxico Mata!

FEMEH (História): Reestruturação da Federação; Indicativo de Encontro Nacional: Megaeventos e Desmilitarização da Polícia.

EXNEEF (Educação Física): Campanha dos Megaeventos eu abro mão! Quero saúde, esporte, moradia e educação!; e Campanha Educação Física é uma só! Formação Unificada JÁ!

EXNEL (Letras): Reorganização da Executiva; Combate às Opressões; Campanha contra Lesbofobia.

CONEP (Psicologia): Luta contra o Ato Médico; Luta Anti-Manicomial; Contra a Mercantilização da Educação.

ENEFAR (Farmácia): Medicalização da vida e indústria farmacêutica; Alternativas de produção de medicamentos; medicamentos e sociedade.

ENEENF (Enfermagem): determinação social do processo saúde-doença, saúde mental, precarização do trabalho e ensino.

ABEEF (Engenharia Florestal): agroecologia, questão agrária, políticas públicas florestais

ENEBio (Biologia): Regulamentação da profissão; diretrizes curriculares; dicotomia licenciatura x bacharelado; e campanha de formação profissional

* Campanha do GTT de Combate às Opressões do FENEX (Fórum Nacional de Executivas e Federações de Curso): "Da Copa eu Abro Mão! Contra a indústria do sexo, da estética e o genocídio do povo negro!".

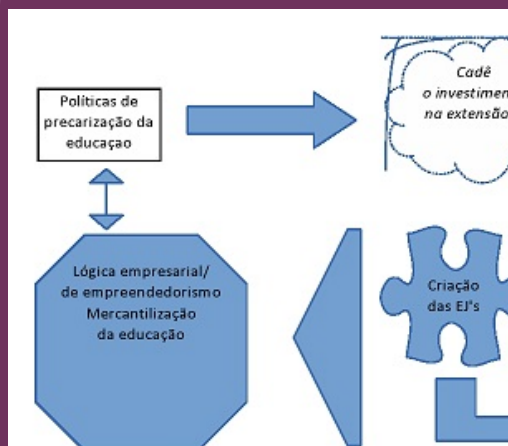
Como foi que naturalizamos qu
respostas às várias medidas de fragm
educação sejam igualmente fragmenta
foi que deixamos aumentar as distânci
mesmos, estudantes, professores,
administrativos, terceirizados, da educ
e privada, federal, estadual e municipal
tanto tempo não conseguimos mobiliz
outros setores e articular novas e maior

Não apresentamos aqui "solu
apontamos que, para entender n
fragmentação, é necessário retomar
deu o momento da dispersão
unitárias. Mais do que isso, é
recuperar o olhar sobre as iniciativ
do movimento da educação, quando
vitórias das classes dominantes a
muita unidade e força nas ruas! S
essas experiências retomadas poder
mera resistência às políticas e
privatistas dos governos petistas e
novamente na ofensiva!

Na conjuntura de lutas sociais d
80, formou-se o Fórum Nacional em
Escola Pública (FNPE), agregando am
do movimento estudantil, sindical—
comprometidos com a defesa da educ
gratuita e de qualidade. Ele dava corp
do movimento da educação, co
vitórias na Constituição Federal
principalmente, expressando-se na
do Plano Nacional da Educação da
Brasileira, de 1997.

Este PNE traduziu um am
daqueles setores em torno de um

Um pou



Educação no movimento e o movimento da educação! Só a luta educa a vida!

...e as nossas
...mentação da
...adas? Como
...as entre nós
... técnicos-
...ção pública
...? Por que há
...ar e unificar
...es lutas?

...ções”, mas
...ossa atual
... quando se
... das lutas
... necessário
...s massivas
...o arrancava
...a partir de
...omente com
...mos sair da
...educacionais
...nos colocar

...a década de
...a Defesa da
...plos setores
...e popular
...ção pública,
...o à unidade
...onquistando
...de 88 e,
...construção
...a Sociedade

...mplo debate
...projeto de

educação que fizesse frente e fosse alternativa às políticas privatistas e precarizadoras do governo FHC, orientadas pelo receituário neoliberal aos países “em desenvolvimento”. Se bem a construção do Plano foi uma vitória, inclusive com sua aprovação no Congresso Nacional, o governo Fernando Henrique logo buscou descaracterizá-lo, promovendo uma série de vetos principalmente quanto às previsões de financiamento.



A esperança frustrada de que o PT e Lula retirassem os vetos, sem dúvida, foi importante para a fragmentação do movimento da educação. Foram necessários quase dez anos para que alguns setores se colocassem contra esse partido, que desde que chegou ao governo abriu mão da defesa unitária das propostas erguidas nas décadas de 80 e 90. O resultado é que no período de vigência do PNE (2001-2010), sem o necessário aporte de recursos, apenas 1/3 de suas metas foram cumpridas!

Ainda mais, é bom diferenciar: o atual projeto de PNE (2011-2021) não provém das lutas, da construção unitária do movimento. Pelo contrário, sem setores importantes do

movimento da educação e construído juntamente com empresários e frações do capital, sua proposição pelo governo petista prevê metas vazias, quantitativas, sem vinculação do financiamento à educação pública, possibilitando a continuidade dos aportes de recursos ao setor privado.

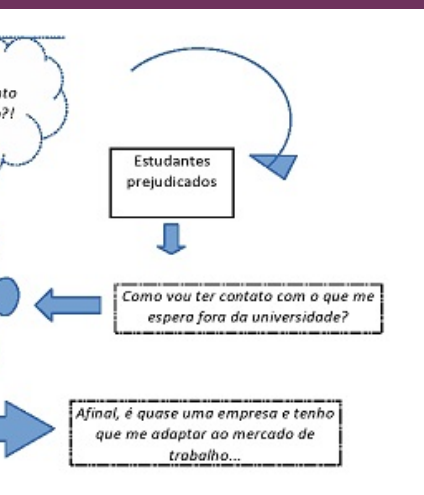
Não podemos ficar parados nem desvalorizar o que temos feito! A denúncia unitária da continuidade da precarização e mercantilização da educação voltou a acontecer! Recentemente experimentamos importantes articulações como a Frente de Lutas Contra a Reforma Universitária e a campanha pelos “10% do PIB para a educação pública já!”. É bom lembrar que inúmeras greves de 2012 tiveram como primeiras mobilizações a greve da educação!

Ainda mais, o ano de 2013 também teve experiências importantes no movimento da educação. O “Agora é pela educação”, no Rio de Janeiro, colocou mais de 200 mil pessoas nas ruas, em greve histórica do SEPE-RJ! No Bloco de Lutas de Porto Alegre, militantes do CPERS-RS chegaram a ser perseguidos e presos pela polícia do Governo Tarso Genro/PT, que propôs o piso nacional enquanto Ministro da Educação e agora não paga o piso para os professores do estado!

Não podemos ignorar nossa história nem abandonar nossas bandeiras! A luta educa! Mas educa no movimento, na unidade, na construção compartilhada de alternativas à educação que queremos!

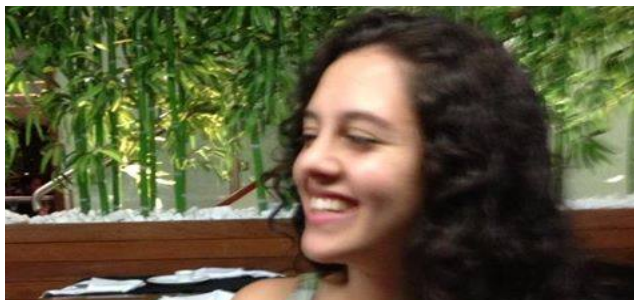
A luta educa! Esta talvez essa seja uma das poucas insígnias que não é necessário rever. Mesmo Junho esteve aí para confirmá-la!

Buraco mais sobre a lógica mercantil causada pela precarização...



A precarização da educação, materializada na contra-reforma universitária e afins, se reflete em falta de investimento. Isso leva à ausência de projetos de pesquisa e extensão. Sem extensão, o estudante procura uma outra forma de contato com o “mundo exterior”, afinal o estudante compreende que terminando sua graduação terá de vender sua força de trabalho. Legitimado por esse buraco da universidade, surge um aparato pedagógico, que coloca pra universidade um lógica empreendedora e empresarial, as empresas juniores, cuja ideia essencial vai no sentido de que o contato com uma estrutura empresarial é necessário para o desenvolvimento acadêmico e profissional do estudante.

Mas vale refletir: qual o caráter que este aparato exerce dentro da universidade pública? As empresas juniores são um tapa buraco da extensão, mas conseguem cumprir o papel da extensão, de troca de conhecimentos, aprendizado mútuo, fugir do mero assistencialismo? Ainda mais, elas não apenas são causadas pela precarização, como colaboram para um caráter cada vez mais mercantil das universidades: a serviço de interesses privados, as empresas utilizam professores, estudantes e espaços acadêmicos para satisfazer a lógica do lucro, e não da reflexão crítica.



Jornal Germinal: Como surgiu a EBSEERH e qual é a relação que ela tem com a Reforma Sanitária e ascensão do governo PT no Brasil?

Érika Clarissa Lima: A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares é um projeto que há muito tem sido pensado no Brasil. Houve, em nosso país, um processo de acentuada precarização do SUS público, por subfinanciamento, má vontade política, falta de concurso público e da ausência de regulamentação do trabalho. Existem também diversas formas de privatizar a saúde, seja por meio das Organizações Sociais, Fundações de Apoio Universitário ou Empresas Públicas de Direito Privado.

A precarização da saúde pública e a lógica de mercado que prevalecem no sistema de saúde foram fortemente combatidas durante a Reforma Sanitária, no período da redemocratização. Após a ascensão do governo PT e a cooptação dos movimentos sociais, vê-se uma necessidade concreta de retomar princípios e formulações políticas, de uma maior articulação do movimento estudantil com o de trabalhadorxs, a fim de barrar mais uma imposição de privatização da saúde pública, de resistir e não perder mais direitos conquistados.

JG: Qual é o papel do movimento estudantil diante da privatização da saúde e da educação? Como ampliar o debate e como podemos atuar?

ECL: É importante que xs estudantes se organizem coletivamente nos seus cursos, construindo o Centro Acadêmico ou Coletivos Locais e promovendo atividades que possibilitem a leitura, o debate e a reflexão sobre qual Sistema de Saúde queremos. Também é papel dx estudante se colocar ao lado da classe trabalhadora, defendendo um sistema de saúde público, gratuito, socialmente referenciado, de qualidade e de acesso universal. Saúde não deve ser privilégio e motivo de enriquecimento de poucos. Construir Frentes contra a Privatização da Saúde, denunciar as contradições do dia-a-dia na área da saúde, procurar soluções coletivamente junto as outras categorias e não individualmente, seja por meio de ocupações, greves, atos de rua, fóruns, entre outras formas de mobilizações, são meios concretos de se ter conquistas frente a privatização do SUS e precarização da saúde e da educação públicas.

JG: Quais são os principais impactos da implantação da EBSEERH nas Universidades para estudantes, técnicxs, docentes e usuárixs do SUS? Algumas Universidades aderiram a EBSEERH. Como isso afetou o mundo do trabalho nos Hospitais, a autonomia Universitária, a atuação das categorias e o papel dos HUs no ensino, pesquisa e extensão?

ECL: Em todo o Brasil, os Hospitais Universitários são responsáveis por boa parte dos atendimentos de alta e média complexidade no SUS. Estudantes, professorxs, técnicxs e a sociedade como um todo só tendem a perder com a privatização dos HUs. Os impactos da privatização, mesmo que indireta, atinge todas as camadas sociais, uns sendo beneficiados em detrimento do prejuízo de outrxs. 80% da população brasileira não tem plano de saúde e o SUS público, com muita expectativa e paciência para conseguir atendimento, resta como opção única.

A partir da implementação da EBSEERH, se cria uma dupla-porta nos Hospitais. Uma fila de usuárixs com plano de saúde privado e outra sem. Se for muito custoso para o plano de saúde privado manter o tratamento de determinado paciente, este será encaminhado ao setor público. Se for mais interessante para o plano usufruir dos bens públicos para gerar lucro, assim será, pois a Empresa que determinará as relações de atendimento e de acompanhamento dos pacientes, de estudo e de trabalho das categorias Universitárias. Rifa-se um importante espaço público de pesquisa e formação profissional, transformando-o num ambiente seletivo, no qual predominará o fator lucro na determinação de determinado atendimento.

Para o cumprimento de metas e aumento de produtividade, será menor o tempo de dedicação ao ensino. A pesquisa será direcionada ao que for de interesse das Empresas. A extensão se restringirá ao assistencialismo e produtivismo no contato com xs usuárixs. É impossível ter ensino, pesquisa e extensão de qualidade e socialmente referenciados com a EBSEERH.

Estudante terá menos condições de aprender com profundidade os casos; professores e técnicos serão sobrecarregadxs com as funções determinadas para otimizar o trabalho e aumentar a taxa de lucro. Usuárixs estarão cada vez mais distante do acesso a um serviço de saúde universal e de qualidade, mais distante um vínculo com os trabalhadores e estudantes no Hospital, e especialmente o exercício de uma saúde emancipadora, pois a empresa agrava as desigualdades sociais e aprofunda a mercantilização da saúde. Somando-se a esse contexto a ausência de democracia no ato de adesão à EBSEERH, resta apontarmos que a autonomia universitária se encontra destruída.

ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO EM SERGIPE: AVANÇAR NA UNIDADE RUMO AO ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO!

Entrevista com Sônia Meire, professora do Mestrado e Doutorado em Educação na UFS, militante do ANDES e integrante da organização do I Encontro Estadual de Educação e Movimentos Sociais em Sergipe.

Jornal Germinal: Desde a década de 80, o Fórum em Defesa da Escola Pública tem pensado diagnóstico e perspectivas para a educação brasileira. Uma das sínteses foi o Plano Nacional da Educação da sociedade brasileira, da década de 90. Como era a inserção do ANDES-SN nesse processo?

Sônia Meire: O ANDES participou ativamente do processo junto com a CNTE e outras entidades. Em 1996, foi realizado o Primeiro Congresso Nacional de Educação (CONED) e, no ano seguinte, o II CONED, em que diferentes entidades e movimentos não governamentais sistematizaram e apresentaram à sociedade o PNE – Proposta da Sociedade Brasileira. Os CONEDs foram realizados até 2004.

Cabe, entretanto, diferenciar o perfil do PNE – Proposta da Sociedade Brasileira dos que o sucederam. O governo FHC realizou reforma na previdência que alterou leis trabalhistas e diminuiu conquistas dos trabalhadores, extinguiu cargos/funções públicas e sucateou todas as instituições públicas, em especial a saúde e a educação. Os destinos da educação passaram a ser traçados por entidades financiadas por empresas privadas e pelo estado neoliberal. Os governos petistas aprofundam a intervenção privada na esfera pública. No âmbito da educação, o Governo Lula cooptou muitos movimentos sociais e sindicais que antes eram oposição às políticas neoliberais. Dilma, além de seguir o caminho do legado de Lula, privatizou serviços públicos e entregou a exploração das nossas riquezas, a exemplo do petróleo, a grupos estrangeiros e, mais recentemente, criou a lei que privatiza os Hospitais Universitários.

Importante, neste processo, perceber que os congressos e fóruns organizados pela sociedade em torno da luta pela educação pública passaram a ser organizados institucionalmente: primeiro pela Comissão de Educação da Câmara de Deputados (2000-2005) e, posteriormente, deflagrada pelo Ministério da Educação, perdendo assim seu caráter de reivindicação popular.

JG: Hoje o ANDES-SN é um dos maiores sindicatos do mundo, com mais de 60 mil trabalhadores filiados e décadas de protagonismo no movimento da educação no Brasil. Tem sido um importante aliado do movimento estudantil e dos movimentos sociais combativos, tendo se desfilado da CUT (Central Única dos Trabalhadores) pelo seu colaboracionismo com o governo. O ANDES-SN entende que o movimento deve assumir que postura na relação com o governo? Há ainda alguma esperança em relação a melhorias na educação por parte de governos do PT?

SM: Não há nenhuma esperança no governo do PT por parte da base do ANDES. Aqueles que tem esperança no governo do PT e em qualquer outra política pública reformista estão no sindicato governista, o PROIFES.

JG: Desde o advento do PT ao governo federal, temos tido dificuldade de mobilização unitária do movimento dos trabalhadores/as e do movimento da educação. Você entende que, em continuidade à greve unificada de 2012, o Encontro Nacional de Educação tem potencial de dar um salto qualitativo a essa unidade, buscando uma síntese de diagnóstico e perspectivas para o movimento da educação?

SM: Sim, estamos reconstruindo pela base nossa capacidade de superação da realidade. Trabalhamos sempre na contradição, buscando possibilidades de superação de uma sociedade injusta e exploradora. A conjuntura exige de nós que sejamos “Fênix”. Nossas forças para lutar e construir o futuro se fazem no presente, renascendo das cinzas. No entanto, o encontro ainda é pouco, mas já é um passo importante de mobilização contra esse projeto. É pontapé inicial.

JG: De onde surgiu a ideia do Encontro Nacional da Educação e Movimentos Sociais, aprovada no ANDES-SN? Como o sindicato tem pensado a articulação desse encontro? A ideia é ampliar para além do ensino superior?

SM: A ideia surgiu do diálogo entre coletivos de docentes com estudantes. Identificou-se a necessidade de construção de uma alternativa de mobilização e luta para além das conferências governamentais. A proposta foi aprovada pelo Congresso do ANDES, e agora estamos construindo nos estados. A intenção é que o no Encontro se discuta a “educação brasileira” e não somente a “educação superior”, ao menos é nisso que estamos trabalhando.

JG: Em Sergipe, está sendo articulado para os dias 03 a 05 de dezembro o I Encontro Estadual de Educação e Movimentos Sociais. Quais as categorias e movimentos inseridos na organização? Como será feito o diagnóstico regional e as perspectivas de luta para o estado?

SM: Entre as categorias e sindicatos inseridos na organização se encontram Movimento “Não Pago!”, Coletivo de Mulheres, grupos de pesquisa da universidade que envolvem as três categorias universitárias, GTPE da ADUFS, Comunidade Indígena Xoco, Fórum Sergipano em Defesa da Educação Pública, Comunidades Quilombolas, Movimento dos Pequenos Agricultores, Sindicatos da Agricultura, Coletivo de Cultura do Alto Sertão Sergipano, dentre outros.

Cada coletivo levantará dados da realidade para apresentar no Encontro. Nos dois dias atualizaremos dados, traremos novas informações e discutiremos a raiz dos problemas educacionais. Será elaborado um documento para apresentar à sociedade. No último dia, haverá um ato público, com a convocação de uma coletiva de imprensa na qual os problemas debatidos serão expostos.

Pela humildade de perguntar.
Pela coragem de não se render.

Há alguns anos, as maiores dúvidas da esquerda do movimento estudantil eram sobre ter ou não um cargo na direção executiva da UNE, ser ou não contra as políticas do PT para a educação, fundar ou não uma nova entidade nacional no movimento estudantil. As “novas” respostas da esquerda, as melhores delas, ainda respondiam aquelas mesmas velhas perguntas: institucionalidade, burocracia, “o melhor dentro do possível”...

Obviamente isso não resolvia nossos problemas concretos. No começo deste ano, ainda antes das Jornadas de Junho, decidimos que não eram nossas respostas que estavam ruins. Era necessário modificar nossas perguntas. Antes, estávamos sempre entre, por um lado, o mero isolamento e, por outro, a rendição às respostas pequenas, reformistas, recuadas. Não nos interessa o “meio-termo”. As perguntas é que devem ser outras, que interessem de fato à luta; não uma luta qualquer, mas uma luta que some para vencer a guerra, e não apenas uma ou outra batalha.

Muito longe de junho ter confirmado nossas respostas (afinal, poucas respostas tínhamos nós), o que as milhões de pessoas fizeram foi confirmar com firmeza: é necessário repensarmos as perguntas que temos feito. E só podemos fazer isso nas ruas, conversando com você que lê esse jornal e com outros grupos ou coletivos locais ou nacionais que também estejam pensando como não se render às respostas da ordem – nem desistiram e resolveram que é tempo “apenas de estudar”.

Nossa perspectiva é lutar coletivamente, de mãos dadas com quem vai no mesmo rumo, colaborando para voltarmos a nos identificar coletivamente, nós que queremos radicalmente ultrapassar essa ordem. Sabemos há anos que não precisamos de mais governismo, mais capitalismo, mais exploração, mais opressão, mais isolamento, mais fragmentação. Perguntar como chegamos aqui e como as pessoas viram esse caminho nos é essencial. Nos prepararmos para sair desse lugar, coletivamente, tem se colocado cada vez mais na ordem do dia.

Que venha 2014!

Entre em contato conosco e germine a luta na sua cidade!

Curitiba/PR:

Henrique Kramer (kramer.henrique@gmail.com - 41 9187.0051)

Mariana Tabuchi (mariana.tabuchi@gmail.com - 41 9660.9927)

Sidney Grossko (sidceagro@hotmail.com - 41 9974.7540)

Toledo/PR:

Luciano Renatto (lucianometallica@hotmail.com - 45 9945.4779)

Lorenzo Balen (lorenzogbalen@gmail.com - 45 9811.7395)

Pelotas/RS:

Allan Gois (allan.r.gois@gmail.com - 53 9154.3865)

Camila Siqueira Katrein (camilakatrein@hotmail.com - 53 9154.3865)

São Paulo/SP:

Giovana de Mitri (gi.mitri@gmail.com - 11 98666.4772)

Florianópolis/SC:

Fanny Spina França (fanny.spinaf@gmail.com - 11 99294.0157)

Leticia Súpptitz (leticiasupptitz@live.com - 48 9652.5977)

Michelly Christine Vieira (michelly.cv@gmail.com - 48 9618.3680)

Niterói/RJ:

Lilian Matias (lil.slmatias@gmail.com - 21 8200.6857)

Matheus Pacheco (matheuscoutinhopacheco@yahoo.com.br - 21 99965.0265)

Aracaju/SE:

Karla Suely (karlasuely11@gmail.com - 79 9102.8960)

Wallace Teles (wallace.teles90@hotmail.com - 79 9866.8415/ 79 9158.5438)

Danuzia Farias (danyfdm@gmail.com - 79 9119.9621)

Maceió/AL:

Jefferson Henrique (jeffersonhgv@gmail.com - 82 9649.6089)

Lucas Soares (lucasismesquita@gmail.com - 82 9925.3830)

Campo Grande/MS:

Wagner Alves (wagner-dino@hotmail.com)

Acesse as edições n. 01 e 02 do Jornal Germinal no blog do Jornal Germinal: <jornalgerminal.wordpress.com/>.

Na primeira edição, nossos marcos gerais de análise [conjuntura, educação, combate às opressões, movimento estudantil, bem como a ideia de construir um processo em forma de Jornal, e não um coletivo; na segunda, nossa análise das Jornadas de Junho e apontamentos trabalho de base e processo de consciência!

Boa leitura e nos vemos na luta!